

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

101)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(ABRIL 6, 1839)



UM CASAMENTO BRETÃO NO SECULO 14.º

Em 1375, durante a celebração de umas vodas, a que concorria toda a gente de Vannes, Ivo de Montrelais, um dos pagens do noivo, reparou que uma rapariga formosa, julgando não ser vista, cravava alfinetes na corôa de perpetuas, que, segundo o uso, engrinaldava a cabeça da noiva: era esta uma das varias formalidades, mediante as quaes uma rapariga nubil, da Baixa-Bretanha, costumava exprimir o desejo de casar á sua satisfação: pareceu a Ivo que lhe incumbia realisar este desejo para felicidade de ambos. D'ahi a tempos, achando-se o mancebo juncto á fonte de Kiriou, viu a mesma rapariga que deitava um alfinete n'agua para saber se casaria naquelle anno: e o alfinete sobrenadou com summo prazer da donzella bretaã; porque a sua amorosa superstição lhe inculcava, com este signal, que podia affoutamente escolher já d'entre as suas companheiras as damas, que a deviam acompanhar no cortejo nupcial. Concebidas as esperanças do matrimonio, em uma manhã serena estendeu diante da sua porta o primeiro fio que nesse dia fiára, afim de saber o nome do seu futuro; bem persuadida que havia ser o mesmo da primeira pessoa que passasse. Ivo de Montrelais, cada vez mais captivo da belleza de Felicina, procurava sempre as occasiões de a encontrar; é por consequencia mui simples e natural que sob pretexto de fallar ao pae de Felicina fosse elle o primeiro que se apresentasse á porta, quando o fio es-

tava estendido: credula e sincera, porque era feliz, a donzella, que, não sem prazer, tinha observado as assiduidades d'Ivo, não duvidou do meio que empregára para conhecer o nome do seu noivo.

Ivo se affoutou então a sondar o coração do objecto de seus ternos desvelos: nesse instante a cruel incerteza lhe atormentava a alma: felizmente a rapariga não foi esconder-se depois de revolver os tições da lareira, segundo era practica das que recusavam propostas de casamento: raiou-lhe a grata luz da esperança quando viu a beldade assentar-se calada no limiar da porta: sentou-se tambem, e tomando-a extremidade d'uma longa fita, que as moças solteiras traziam á cinta, a foi vagarosamente enrolando com a mão até chegar ás roupinhas; logo Felicina batendo levemente nos dedos indiscretos os obrigou a largarem a fita para d'ahi a pouco recommencarem. Ivo estava satisfeitissimo: Felicina attendêra a sua supplica. Tal era o formulario indispensavel daquella epocha.

No dia seguinte encaminhou-se o noivo com seis de seus parentes e amigos a casa da futura. Á sua chegada, abriram-se as arcas, os armarios, e as portas da adega e celleiros, afim que ao passar pudesse ver os tères daquella familia. Em seguida tractou-se dos esponsaes; o par juvenil fez mutuas promessas de casamento affiançadas pelas arrhas que os paes da noiva passaram aos do noivo, Um sacerdote confir-

mou estas promessas com rezas e bençãos; daqui até ás nupcias medeiou um intervallo de dias, destinado a dar tempo aos contrahentes para conhecerem seu character e reciprocas disposições. Mas este espaço avivou ainda mais o amor de Ivo e Felicina, e por fim determinou-se o dia da celebração das vodas. No domingo antecedente o noivo dirigiu-se a casa da noiva, e a trouxe para casa de seus paes, onde passaram ambos aquelle dia. Á mesa serviu-se, como prático obrigado, peras e queijo; e daqui nasceu o proverbio *la poire avec le fromage, c'est le mariage*. Isto nos faz lembrar de que o nosso dictado *pão com nozes sabe a casar* talvez derive d'alguma semelhante practica, cuja tradição se perdeu.

Chegado o dia da cerimonia, Ivo, escoltado por seus pagens, e o seu bardo ou cantor, foi pela manhã á casa da noiva: fecharam-lhe a porta; então o bardo improvisou com facilidade original canções, e arengas versificadas, que tiveram o poder de decerrar os ferrolhos, e pediu a entrega de Felicina. Um campeão que esta designára foi buscar successivamente as dez damas d'honor, que eram dez moças solteiras, e as apresentou ao cantor do epithalamio, jactando-lhe as bellezas e virtudes das donzellas; mas o bardo abanou a cabeça, e tocando a harpa, que exhalava sons de amorosa impaciencia, reclamou a que estava promettida: a final esta appareceu, e a taciturnidade habitual dos bretões cedeu campo aos applausos e clamores d'alegria.

Ordenou-se o acompanhamento: os pagens armados e a cavallo rompiam a marcha: logo atraz seguiam-se as damas d'honor; as duas da frente levavam, a primeira um ramo espinhoso, guarnecido de fitas e pomos, e a outra uma roca com seu fuso; e iam cantando umas endeixas sobre os cuidados e encargos do matrimonio, a que as demais, em côro, respondiam com estribilhos consolatorios: adiante dos esposos levavam todos os presentes que lhes deram; peças de panno, vestidos, comestiveis, e o trem caseiro, tudo empilhado em um carro enfeitado com ramos. Felicina, com a corôa nupcial, e seu marido, iam montados no mesmo cavallo, á moda d'um casal de camponeses que vae a alguma feira ou romagem. Os parentes e mais amigos d'ambos fechavam o cortejo.

Á porta da igreja, o parcho, paramentado d'alva e estola, recebeu os noivos, mas antes de os admittir no templo exigiu a leitura da escriptura de dote, que o esposo concedia, segundo o costume da Bretanha. Este contracto era do theor seguinte. — “Em nome da sanctissima e indivisivel Trindade. Amen. Instruido pelos exemplos dos patriarchas e dos sanctos padres, e convencido das vantagens inherentes ao matrimonio, eu, Ivo de Montrelais, declaro, por meio do nosso parcho aqui presente, que tomo a Felicina de Villamée por minha prezadissima esposa. Cedo-lhe, por via de doação, a melhor parte dos meus bens; a saber, o direito de portagem que tenho em S.^{ta} Ave, e 50 libras da nossa moeda, 30 das quaes serão empregadas, segundo o parecer dos nossos amigos communs, em lhe construir uma casa, em logar conveniente, e o restante será applicado á compra de terras. A'lem disso, obrigado-me a tractar honrosamente a dicta Felicina de Villamée, rogando ao parcho, que presente está, que, no caso de eu a traçoar esta minha obrigação, me chame ao meu dever por via de excommunhão sobre minha pessoa, e de interdicto em minhas terras, sem relaxar cousa alguma do rigor desta sentença. Data &c. — As testemunhas firmaram esta acta, que depois foi ratificada pelo bispo. Lançada a benção nupcial, e dado o signal da partida, mon-

tando a cavallo, saíram todos a um tempo: os que chegaram primeiro desamarraram as fitas vermelhas, que estavam atadas a um ramo pregado na batente da porta; os segundos desamarraram fitas azues postas da mesma maneira. Estas fitas, pregadas no facto, serviram todo o dia de insignia de lisongeira distincção.

Á mesa, onde reinava fartura, tomou a noiva assento honroso; porém o marido em pé, e vestido de ponto em branco, serviu mui obsequiosamente os convidados. Levantados os primeiros pratos, os bardos improvisaram em louvor dos assistentes, convidando-os a encher as taças, e instigando-os ás saudes; depois accrescentaram: Não faça a alegria de hoje com que nos esqueçamos dos nossos defunctos. E no mesmo instante começaram de entoar um *De profundis*; findo este canto funebre, seguiu-se a segunda cuberta.

Acabou-se este primeiro dia com varios divertimentos; especialmente com as danças do paiz. No immediato, os casados foram assistir, vestidos de lucto e com grande compunção, a uma missa por alma de seus parentes. Só na terceira noite os esposos se reuniram na casa que deviam habitar; e findo o extenso ceremonial que os usos do tempo e da terra irremissivelmente prescreviam [1].

LITHOGRAPHIA — LITHOGRAPHIA EM PORTUGAL —
COMPANHIA PARA A EXPLORAÇÃO DE
PEDREIRAS LITHOGRAPHICAS.

FALLANDO o anno passado da invenção da lithographia [2] passámos mui de leve pela descripção do methodo de lithographar, porque isso fazia então pouco ao nosso intento, que era unicamente fallar do seu inventor: hoje, porém, dedicaremos um artigo particularizado a esta arte, que tão proveitosa é, e tractaremos dos seus progressos presentes em Portugal.

A lithographia é a arte de tirar, por via de um processo chymico, copias impressas de qualquer desenho, feito sobre pedra com um lapis oleoso. Chama-se-lhe por isso, com propriedade, impressão chymica, para a distinguir das outras impressões, que são mechanicas. Quando se estampa com chapa de cobre, ou de aço, a tinta passa para o papel das incisões ou traços gravados com o punção: as gravuras de páu, pelo contrario, assignalam a estampa com as partes mais altas da superficie da chapa, que são as que recebem a tinta; porque o gravador em madeira faz exactamente o inverso do que faz o gravador em cobre ou aço. O methodo lithographico differe essencialmente dos dois precedentes em se tirarem as estampas com uma pedra inteiramente lisa.

A pedra mais conveniente para a lithographia é uma casta de lousa calcarea, que se encontra em grande abundancia em Baviera, pelas margens do Danubio, e que já em outros paizes se tem achado, posto que inferior.

As melhores pedras são porosas, mas vidrentas, de côr amarella desbotada, e ás vezes de um cinzento pouco distincto: affeioam-se em lagens de pollegada e meia de grossura, até duas e meia, bem desempenadas por uma das faces: para servirem, depois disto, devem ser granuladas, ou pulidas, segundo o fim para que as destinam. O modo de preparar uma pedra granulada é o seguinte: deita-se a lagem sobre uma banca, molha-se-lhe a superficie desempenada, e espalha-se-lhe por cima arêa, com uma

(1) A'cerca das superstições, ainda hoje em voga na Baixa-Bretanha, tractamos a pag. 271 do 1.^o vol., para desaggravy do nosso povo, geralmente inerepado de supersticioso.

(2) Veja-se o vol. 2.^o pag. 134.

peneira finissima de fio metalico, e pondo-se sobre ella outra pedra igual, roça-se uma por outra, com um movimento circular, para produzir a requerida granulação, que póde ser mais grossa ou mais fina, segundo o gosto ou intento do desenhador. As pedras assim preparadas servem para desenhos de lapis. E' preciso ter grande cautella no preparar estas pedras, para que a granulação fique uniforme, e a superficie sem riscos ou asperesas, que damnariam depois as estampas. A escripta, as imitações de gravuras, os esboços feitos á penna &c. requerem que a superficie da pedra seja pulida, o que se alcança esfregando-a com pedra pomes e agua, ou com pó de pedra pomes e agua, dada com um trapo, sem se ter empregado a arêa, que só se usa para granular a pedra.

Os dois principaes agentes para fazer desenhos, escripta &c. sobre a pedra, são o lapis lithographico, e a tincta lithographica. Na composição de ambos, para a qual ha varias receitas, entram sempre sabão e alguma materia oleosa. Os ingredientes são, por via de regra, os mesmos, no lapis, e na tincta; só variam na proporção dos mixtos. O lapis usa-se tal qual sae da fôrma, e secco; mas a tincta dissolve-se em agua, como a tincta da China; e para desenhá-la com ella emprega-se um pincel de penna, ou de pelo de camelo. E' facil de perceber que a mistura do sabão nesta materia gordurenta, a torna soluvel em agua.

Para entender claramente o processo lithographico, supponha-se que o artista conclue um desenho, feito sobre a pedra granulada, com o lapis acima mencionado. Se immediatamente se passar por cima da pedra uma esponja molhada, o desenho desapparecerá, por ser o lapis, com que foi desenhado, soluvel em agua, em virtude do sabão que contém. Por isso, a primeira cousa que se faz, antes de começar a imprimir, é derramar-lhe em cima uma solução de acido nitrico, que neutralisa o alkali, ou sabão contido no lapis, e torna este insolúvel na agua. Depois disto, usam muitos espalhar sobre a pedra uma solução de gomma, e tirada esta, se passa uma esponja molhada pela superficie da pedra; acha-se que o desenho já se não apaga, porque a agua não entra com o lapis. Neste estado a obra está prompta para a tiragem, que se faz da seguinte maneira.

O impressor, sacudindo com as pontas dos dedos algumas pingas d'agua sobre a pedra, que já tem assentada no prelo, as espalha com uma esponja, de modo que molha, ou, para melhor dizer, humedece toda a face da pedra por igual: acha então que ella embebeu a humidade só naquellas partes que não estavam cubertas com o desenho, que, sendo gordurento, repelle a agua, e fica enxuto. Feito isto, passa-se um rolo, convenientemente molhado em tincta d'imprensa, por cima de toda a pedra, que nem manchada fica onde está molhada, pela antipathia que ha entre o oleo e a agua. Mas a parte cuberta com o desenho, estando, como vimos, enxuta e oleosa, tem grande affinidade com a tincta d'imprensa, que por isso se desprende do rolo, e pega-se ao desenho. Poem-se-lhe então por cima a folha de papel humida, e apertando-se no prelo, a tincta passa do desenho ao papel, e a estampa fica tirada. Repetindo esta operação para cada estampa, se tira um grandissimo numero dellas.

Os methodos de lithographar são diversos, mas a explicação que démos mostra o principio, em que todos elles se fundam; e vem a ser, a antipathia que ha entre o oleo e a agua, e a affinidade que a pedra lithographica tem com ambas as cousas, isto é, a faculdade de embeber facilmente uma ou outra.

Pode-se inferir do que havemos dicto, que, para

saiem boas as lithographias, é necessario grande perfeição em preparar todos os agentes empregados nesta arte. Os que desejarem sabe-la plenamente, e exercita-la com proveito, devem lêr o *Curso completo de Lithographia*, pelo seu inventor Senefelder, e o *Manual de Lithographia* por M. Raucourt.

As imitações de gravura, ou desenhos á penna, a escripta &c. executadas com a tincta chymica sobre a pedra *lisa*, se preparam e imprimem do mesmo modo.

Muitas variedades e descubrimentos se tem feito na lithographia e nas suas applicações, que o espaço deste artigo não comporta: tal é o methodo de transferir do papel para a pedra qualquer escriptura, o qual é muito util para assignaturas de chancella, para tirar brevissimamente uma grande multidão de copias de qualquer documento &c.; tal é a chamada *gravura em pedra*, não por se profundar a superficie desta com o punção, mas porque o desenho mostra os traços como os de gravura. Todavia, não passaremos adiante sem mencionar uma invenção recentissima de que falla a *Penny Cyclopaedia*, e que, segundo cremos, ainda não está introduzida em Portugal.

“Ultimamente — diz o auctor do artigo a que alludimos — tem-se usado muito de chapas de zinco, em logar das pedras de Alemanha, para a impressão chymica ou lithographica, que então toma o nome de *zincographia*; mas exceptuando a differença da materia, em que a obra se executa, esta nova arte é exactamente o mesmo que a lithographia. As chapas de zinco teem a vantagem de serem mais portateis, e menos sujeitas a estalarem com a pressão do prelo; mas ainda não vimos nenhuma amostra deste genero d'estampas, que nos auctorise a dizer, que essas chapas possam servir para obras aprimoradas, tão bem como as pedras.”

E' a lithographia uma das artes, que no nosso paiz tem chegado a subido gráu de perfeição, ao mesmo passo que muito se tem multiplicado. As lithographias dos Quadros Historicos são documento da perfeição da arte em Portugal, e entre as que diariamente vemos apparecer de novo, se distinguem muitas do Sr. Sendim. Mas o que nos parece sem duvida, é que as do Sr. Lopes egualam as mais primorosas estampas deste genero, que nos vem de fóra. Em mimo, delicadesa e toques suaves, nenhuma obra temos visto que nos pareçam melhores do que as duas ultimas lithographias por aquelle Sr. publicadas, — o retrato de Petrarcha, e o, mais recente, de Heloisa.

Os melhoramentos e augmento, que em Portugal tem recebido esta bella arte, moveram algumas pessoas da cidade de Coimbra, entre cujos nomes se acham alguns de membros respeitaveis da Universidade, a formarem uma associação, debaixo do titulo de *Companhia Conimbricense, de exploração de pedreiras lithographicas*, cujo fim é explorar as pedreiras, e fazer preparar as pedras para todos os usos lithographicos. O capital desta companhia é de vinte e quatro contos de réis divididos em oitocentas acções de trinta mil réis cada uma, pagos em prestações mensaes de duzentos e cincoenta réis, devendo durar dez annos, e começar suas operações logo que estejam distribuidas as oitocentas acções. — A companhia parece ter tambem em mente a exploração de jaspes, marmores, ou gessos; porque em um artigo dos seus estatutos se ordena que no caso de apparecer alguma pedreira de semelhante natureza, a direcção, por via do seu presidente faça convocar a assembléa geral, para esta decidir se convem, ou não, a compra e exploração das mencionadas pedreiras.

Parece-nos que uma tal companhia pôde produzir vantajosos resultados, não só para si, mas para o paiz em geral. Dotou Deus este cantinho da Europa, chamado Portugal, com tantas naturaes riquezas, que pouca admiração deve causar que entre as mui preciosas e mui variadas especies de pedras, que no seio delle se encontram, se venham a achar pedras lithographicas tão boas como as de Baviera, do que não só se tirará immediatamente o grande proveito de não ser necessario manda-las vir de fóra; mas até o de as exportar, se, havendo-as com abundancia, for provada a sua bondade, e sabida dos estrangeiros, que, dando-lhas mais baratas, preferirão vir compralas a Portugal, principalmente os inglezes. [*]

Dizemos que principalmente os inglezes, porque apesar de todas as diligencias que em Inglaterra se tem feito para achar boas pedreiras lithographicas, apenas se tem encontrado, em Irlanda, e nas provincias de Somersetshire, e Devonshire, algumas que se pareçam com as de Alemanha; mas á vista das experiencias já feitas, em todas ellas faltam certas qualidades, das mais essenciaes, que se dão nas que vem de Baviera; de modo que os lithographos inglezes raras vezes se servem das pedras nacionaes, e ainda assim só em obras de mui pouco vulto; do que concluimos que talvez as pedreiras lithographicas venham a dar-nos um novo objecto para o commercio com a Graã-Bretanha.



A AGUIA DESTRUIDORA.

(*Harpya Destructor.*)

Ás PODEROSAS armas, com que a dotou a natureza, reúne a aguia o vigor do corpo, a força das azas e pernas, a vista penetrante, a rapidez e rijeza do vôo, e a arrogancia do porte. Todas estas qualidades contribuíram para que o tyranno das aves fosse celebre desde eras mui remotas. A mythologia

(*) Em o N.º 100 pag. 104 deste vol. se achará a indicação d'alguns pontos onde por ora consta haverem pedras de lithographar.

consagrou a aguia a Jupiter, e a representou sustentando nas garras o raio, terrível attributo do pae dos numes.

Ha diversas especies d'aguia, algumas das quaes habitam as altas montanhas da Europa. Sem nos fazer-mos cargo de as historiar todas, diremos, por ser a menos conhecida, duas palavras sobre a que chamam *destruidora*. Dão-lhe tambem os nomes de aguia harpya, e d'aguia grande da Guyanna. Tem obra de tres pés de comprimento; o bico muito recurvado, e os olhos d'um amarello resplandecente. A parte superior, e os lados da cabeça são de um cinzento annegreado: as pennas occipitales lhe formam uma poupa inclinada, que levanta quando a ave experimenta algum estímulo: estas pennas são pudentas, excepto uma mais comprida, que é preta, e só parda na ponta: o pescoço é tambem pardo: faxas da mesma côr lhe atravessam o manto preto do costado: as pennas das azas, tambem pretas, chegam a mais dos dois terços do rabo: este por cima é pardo e preto, e por baixo esbranquiçado, oom uma lista preta na extremidade. O peito e o ventre são alvacentos: pennas brancas atravessadas com raias negras lhe cobrem as côxas, e pennas curtas esbranquiçadas a altura do tarso; a parte inferior e os dedos são d'amarello pallido, as unhas compridas, muito aduncas, e de côr cornea. Um auctor observou um individuo, que tinha o peito negro e todas as côres da plumagem mais vivas; julgou que seria o macho.

Por estes signaes será facil ao viajante distinguir a aguia destruidora, especie ainda não bem avaliada, porque habita solitaria na bastidão das selvas immensas dos paizes calidos e humidos da America meridional.

A GRUTA DE SAMÚM NO EGYPTO.

A ALDÉA de El-Mahabdeh jaz affastada obra de mais de um quarto de legua da cordilheira arabica; e as caldeiras que occupam a maior parte deste espaço foram convertidas, por meio de alguns diques, em lagôas, que conservam agua quasi todo o anno. A montanha é mui agreste e arida, e gasta-se mais de uma hora a trepar pela encosta, formada por muitos penedos a prumo, que obrigam o viajante a fazer frequentes rodeios. Chegando-se á lombada da serra, toma-se para a banda de Nordeste, e passada outra hora de caminho, topa-se com uma tóca irregular, á flôr da terra, e que dá entrada para a gruta de Samúm.

A rocha calcarea durissima, que constitue a ossada da montanha, contém, em toda a parte da cordilheira, seixos negros, perfeitamente esphericos, que, desabando dos lados dos rochedos, se acham amontoados no fundo dos algares, semelhando pilhas de ballas de artilharia. Pela lombada veem-se espalhados, ou aos montes, formosos christaes transparentes, de figura rhomboide, que reflectem em luz variada os raios do sol.

Nada indica a entrada da gruta, para tapar a qual bastariam algumas pedras: está aberta a caverna nas entranhas da serra: a entrada terá obra de doze palmos de profundidade. Em se chegando ao fundo desta especie de poço, entra-se em uma furna, aberta pela natureza, dedalo inextricavel de aposentos, e corredores, mui baixos pela maior parte, que se cruzam para todas as bandas. Para seguir por elles fóra, é necessario despir o fato, sob pena de correr o risco de ficar preso em alguma ponta de rochedo, ao ír-se arrastando de gatinhas de uns para outros corredores. Assim se atravessam muitas

salas irregulares, mais ou menos vastas, mais ou menos altas, e divididas com tapumes de estalactites, semelhantes ás da gruta de Antiparos [*]. Brilhantes em outro tempo, estas estalactites estão cubertas hoje de uma capa de ferrugem oleosa, e luzente, que bastaria para fazer crêr, que esta gruta foi theatro de um grande incendio, se os montões de ossos calcinados não o provassem exuberantemente, bem como o cheiro de fumo, que ainda alli se sente, misturado com o ainda mais infecto que ahi derramam muitos milhares de morcegos, habitadores desta tenebrosa morada.

A tradição do paiz, concorda com estes vestigios, tira todas as duvidas de que alguma vez pegou fogo na gruta de Samúm; e quer o deitassem de proposito, quer por acaso, o que é certo é, que elle ahi lavrou solapadamente durante muitos annos. A este incendio se deve o poder-se hoje penetrar por essas vastas catacumbas, e actualmente seria preciso outro para se ir mais avante; porque depois de se andar um quarto de hora, acabam as ossadas reduzidas a cinzas, e continuam para diante restos de momias, primeiramente meio-queimadas, e depois mais bem conservadas, até o ponto onde se póde chegar.

Triste e estranho espectáculo é o destes restos alterados pelo fogo, destes cadaveres calcinados, que os pés dos viajantes acabam de reduzir a pó, ou que, suspensos de alguma quebrada dos rochedos, lhes deixam pender sobre a cabeça os membros descarnados, ou os farrapos de suas mortalhas. Sente-se uma especie de terror, vendo avisinhar a chamma dos archotes destas telas traspassadas de resinas; pensando que uma unica faúlha bastaria para accender no mesmo instante um novo incendio, cuja victima seria infallivelmente a pessoa imprudente que o causasse: depois o coração se aperta, quando, ao cabo de um estreito corredor sem saída, se encontram os cadaveres de alguns desgraçados, a quem a cubiça, ou talvez a necessidade de buscar um asylo, conduziram a estes medonhos aposentos, e que, não podendo atinar com o caminho, ahi pereceram entre as angustias da fome e da desesperação. A lembrança dos muitos gyros e voltas que se tem dado, e nos quaes qualquer se póde transviar, vem ajunctar-se á de uma horrivel morte. Parece então que estas abobadas esmagam o coração debaixo do seu peso; e o viajante não se sente desaffogado, senão quando começa a ver outra vez a claridade da entrada do subterraneo.

Quasi todas as momias que se acham no Samúm são de crocodilos, e de gente. Todavia encontram-se ahi tambem outras, bem como ossadas de varios animaes, entre os quaes Mr. Cuvier achou vertebrae de esqualos, sem que seja possivel imaginar, nem em que epocha, nem porque motivo, os restos destes enormes peixes poderam ser sepultados nesta gruta, que dista do Mediterraneo mais de cem leguas.

As momias humanas estão enfileiradas em camadas, cruzadas alternativamente umas sobre outras. Todas estão mui bem envolvidas em telas e ligaduras, mas sem pintura, ou tumba. Algumas teem folhas de ouro pregadas na testa, nos peitos, nos pés, e nas mãos.

Quanto aos crocodilos, os maiores [e ha-os lá de mais de 40 palmos] estão tambem, cada um de persi, embrulhados em tão grande porção de panno, que poderia carregar muitos navios, em quanto os pequenos estão mettidos, aos quinze e aos vinte, em estes compridos, feitos de folhas e ramos de palmeira: emfim cestos semelhantes contém os mais peque-

ninos, e até ovos de crocodilo, apegados com certa casta de resina, e entresachados de caroços de tamaras, de fructas desconhecidas, de folhas de sycomor, de cobras de todos os feitios, de raãs, de lagartos, e emfim, de andorinhas.

O numero destas momias é incalculavel; as sallas estão cheias dellas, e só com grandissimo trabalho se chega a passar pelo estreito espaço, que fica entre o tecto e estes montões de cadaveres, que finalmente cerram de todo o caminho, e não deixam ir mais longe. Poder-se-ia, sem exaggeração, calcular em muitas centenas de milhares o numero de momias, que ainda actualmente se veem, e muitas mais se perderam de certo no incendio desta gruta, cujos limites ainda se não sabem. A parte que hoje se póde correr e examinar, terá de extensão obra de meia legua.

A ABOBADA.

Chronica Monastica.

[1401]

IV

A CONFERENCIA.

EM uma quadra das que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha, á roda d'um bufete de carvalho, de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma especie de escabello, que pelos topos se embebia nelles, estavam assentadas varias personagens daquellas com quem o leitor já tractou nos antecedentes capitulos; eram estas D. João 1.^o, Fr. Lourenço Lamprea, e o procurador Fr. Joanne: elrei estava á cabeceira da mesa; e no topo fronteiro, o prior, tendo á sua esquerda Fr. Joanne: além destes, outros individuos ahi estavam, que as pessoas lidas nas chronicas deste reino tambem conhecerão, taes eram os doutores João das Regras e Martim d'Ocem, do concelho de elrei, cavalleiros mui graves e auctorizados; e afóra estes mais alguns fidalgos, que D. João 1.^o particularmente estimava: atraz da cadeira d'elrei um pagem esperava, em pé, as ordens de seu real senhor. O quadrante assentado no terrado contiguo apontava quasi meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circumstantes se fitavam: era a traça, ou desenho, do mosteiro, que delineára mestre Affonso Dominguez. Além dos prospectos geraes do edificio, illuminados primorosamente, viam-se ahi todos os córtes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fabrica: elrei tinha a mão estendida, e os dedos sobre o risco da casa capitular, e fallava com o prior.

“Parece impossivel isso; porque natural desejo é de todos os homens o alcançarem repouso, e pão na velhice, e não vejo razão para mestre Affonso se doer da mercê que lhe fiz.”

“Pois a conversação que vos relatei, tive-a com elle ainda hontem, pouco antes de vossa mercê chegar.”

“E como vae David Ouguet? — perguntou elrei.

“Com grande melhoria: — respondeu o prior. —

“Dormiu, um pedaço, e acordou em seu juizo: contou-me, que entrando hontem apoz nós na casa do capitulo, e affirmando a vista na abobada, conhecêra que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentíra apertar-se-lhe o coração, e que com a sua afflicção corrêra pela crasta fóra como doudo; que por diante dos olhos lhe começaram a passar re-

(*) Vide vol. 1.^o pag. 148.

lampagos mui vermelhos; mas que depois perdêra o tino, e de mais nada se lembrava.”

“Nem dos exorcismos?” — perguntou Martim d’Ocem, com um sorriso malicioso.

“A vossa jogralidade não vem a ponto, domine doctor: — replicou o prior, fazendo-se vermelho como um pimentão. “Se me lembrei de que estaria possesso, tinha para isso boas razões; melhores talvez do que as que vós tendes para vossos desembargos.”

Elrei julgou prudente atalhar a contenda entre o prior e Martim d’Ocem, e voltando a cabeça, fez um signal ao pagem para que se chegasse:

“Alvaro Vaz d’Almada, ide depressa á morada de Affonso Dominguez, dizei-lhe que eu quero fallar-lhe, e guiae-o para aqui. Fazei isso com tento; e lembrae-vos de que elle é um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforçado pae.”

O pagem saíu a cumprir o mandado d’elrei.

“Dizeis vós — proseguiu este, fallando com João das Regras — que talvez Affonso Dominguez se enganasse em suppôr que era possível fazer uma abobada tão pouco erguida, como é a que elle traçou para o capitulo: não creio eu que tão entendido architecto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo de hontem á noite procedesse da grave falta commettida por mestre Ouguet nesta edificação.”

“E que falta foi essa, se a vossa mercê apraz dizer-mo?” — replicou João das Regras.

“A de não seguir de todo ponto o desenho de mestre Affonso:” — tornou elrei.

“E se a execução de sua traça fosse impossível? — acudiu o doutor.

“Impossível!? — atalhou elrei — E não contava elle com leva-la a effeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?”

“E é disso que mais se doe mestre Affonso — interrompeu o prior —: a sua grande canseira é que ninguém saberá continuar a edificação do mosteiro, ou, como elle diz, proseguir a escriptura do seu livro de pedra: porque ninguém é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepção delle.”

“Roncarias e ferros são esses proprios de quem foi homem de armas de Nunalvres: — disse o chanceller João das Regras. — Todos os de sua bandeira são como elle. Porque sabem jogar boas lançadas, teem-se em conta de principes dos discretos; e o cego não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do Condestavel.”

João das Regras, emulo de Nunalvres, como lhe chama um grave historiador nosso, não perdeu este ensejo de lhe pôr pêcha; mas D. João 1.^o que conhecia serem estes dois homens as pedras angulares de seu throno, os escutava sempre com respeito, salvo quando fallavam um do outro; posto que o Condestavel, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os meritos do chanceller, contentando-se com lançar na balança, em que João das Regras mostrava o grande peso da sua penna, o montante com que elle Nunalvres tinha em cem combates salvado a patria do dominio estranho, e a cabeça do chanceller das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os gráus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

“Deixae lá o Condestavel, que não vem ao intento: — disse elrei —: o que me importa é ouvir mestre Affonso sobre este caso. Quizera antes perder um encontro com castelhanos, do que cuidar que o capitulo de S. Maria da Victoria ficará em ruinas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao chão a abobada: se Affonso Dominguez fôr capaz de a tornar a erguer, e deixa-la firme, concluirei d’ahi que

vale mais o cego que o limpô de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cego, çôpo [*] e mouço.”

Neste momento, entrava o velho architecto, agarrado ao braço de Alvaro Vaz d’Almada, que o veio guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, á roda da qual se travára o dialogo, que acima transcrevemos.

“Dom donzel, onde é que está elrei? — dizia Affonso Dominguez ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João 1.^o, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem:

“Agora nenhum rei está aqui, mas sim o mestre d’Aviz, o vosso antigo camarada, nobre cavalleiro de Aljubarrota.”

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas, que para nada presta hoje. Vêde o que de mim mandaes; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel.”

“Queria ver-vos e fallar-vos; que de coração vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de S. Maria.”

“Architecto do mosteiro de Sancta Maria, já não o sou; vossa mercê me tirou esse carrego: sabedor, nunca o fui, pelo menos, muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos titulos que me daes só me cabe hoje o de honrado; que esse, mercê de Deus, é meu; e fôra infamia rouba-lo a quem já não pôde pegar em um montante para defende-lo.”

“Sei, meu bom cavalleiro, que estaes mui torvado comigo por dar a outrem o carrego de mestre das obras do mosteiro: nisso cria eu fazer-vos assinalada mercê: mas venhamos ao ponto: sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noite?”

“Sabia-o, senhor, antes do caso succeder.”

“Como é isso possível?!”

“Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portuguezes que abi restam, como ia a feitura da casa capitular: no desenho della pozera eu todo o cabedal de meu fraco ingenho; e este aposento era a obra prima de minha imaginação: por elles soube que a traça primitiva fôra alterada, e que a junctura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: prophetisei-lhes então o que havia de acontecer. E — accrescentou o velho com um sorriso amargo — muito fez já o meu successor em por tal arte lhe pôr o remate, que não desabasse dentro de vinte e quatro horas.”

“E tinheis vós por certo que se vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abobada não viria a terra?”

“Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abobada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento, antes de sobre ella pesarem muitos seculos: mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.”

“Pois se ousais levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.”

“Senhor rei — disse o cego, erguendo a fronte, que até alli tivera curvada: — vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e bésteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto elle contém — salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandais. — Não! — vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! — Os

(1) Coixo. — Fui vista ao cego, e pês ao çôpo. Trad. do livro de Job. Fragmento do seculo 15.^o

vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora elles que a levantem.”

As faces de D. João 1.^o subiu a vermelhidão da colera:

“Lembrae-vos, cavalleiro, disse elle, que fallais com D. João 1.^o”

“Cuja corôa — acudiu o cego — lhe foi posta na cabeça, por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia: — e D. João 1.^o é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escripto: *os vassallos portuguezes são livres.*”

“Mas — tornou elrei — os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja casa vingam algo de acostamento [*], pôdem ser privados de sua moradia?”

“Se dizeis isso pela que me destes, tirea-ma; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando baja de morrer, á mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida — um nome honrado e glorioso.”

Dizendo isto, o velho, levou a manga do gibão aos olhos baços, e embebeu nella uma lagryma mal-sustida. Elrei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito, e dilatar-lho suavemente. Uma das dôres d'alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem duvida a compaixão.

“Vamos, bom cavalleiro — disse elrei pondo-se em pé — não haja entre nós doestos. O architecto do mosteiro de Sancta Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome — a consciencia m'o diz — entre os principes do mundo, porque segui ávante por campos de batalha; ella vos dirá tambem que a vossa fama será perpetua, havendo trocado a espada pela penna, com que traçastes o desenho do grande monumento da independencia e gloria nacionaes. Rei dos homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes! — Tambem vós fostes um delles: — e negar-vos-heis a proseguir a edificação desta memoria — desta tradição de marmore — que ha-de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos? Mestre Affonso Dominguez, escutae os ossos de tantos valentes, que, rangendo, vos accusam de trairdes a boa e antiga amisade: vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soido desse queixume de mortos, porque, nas luctas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue, e foram semeados cadaveres de cavalleiros! — Eia, pois: se não perdoaes a D. João 1.^o uma supposta affronta, perdoae-a ao mestre d'Aviz, ao vosso antigo camarada, que em nome da gente portugueza vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez á patria vosso maravilhoso ingenho; e que vos abraça como antigo irmão, por fraternidade de combates, e porque certo crê que não querereis perder, na vossa velhice, o nome de bom e honrado portuguez.”

Dizendo isto, elrei parecia grandemente commovido, e, talvez involuntariamente, lançou um braço ao pescoço do cego, que soluçava e tremia, sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pé quando elrei se erguera, e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

“Vencestes, senhor rei, vencestes! — A abobada da casa capitular não ficará por terra! — Oh meu

mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens será realisada, será duradoura como a pedra em que vou estampa-la! Senhor rei, nossas almas se entendem: as unicas palavras harmoniosas, e inteiramente suaves, que tenho ouvido ha muitos annos, são as que vos saíram da boca: só D. João 1.^o comprehende Affonso Dominguez; porque só elle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas — palavras de anjos — patria e gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que não a vós, posto que de vós, que creis rei, me queixasse: varre-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas, e a pedra moída pelo cinzel, de cima do vulto, que entalhou em fuste de columna rendada. Que me restituam meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! D'hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria.”

Elrei apertou então entre os braços o bom do cego, que procurava ajoelhar a seus pés: — era a atracção de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra: por fim D. João fez um signal ao pagem, que se aproximou:

“Alvaro Vaz, acompanhae este nobre cavalleiro a sua pousada; — E vós, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. Mui devoto padre prior, — continuou elrei, voltando-se para Fr. Lourenço — entendei que d'ora ávante, Affonso Dominguez, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, em quanto assim lhe aprovér.”

O prior abaixou a cabeça. A alegria tinha tolhido a voz ao architecto: diante de toda a côrte elrei o havia desaffrontado, e já, sem desdouro, podia acceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braço do pagem, saiu do aposento, feita venia a elrei.

Este deu immediatamente ordem para a partida; e quando todos iam saíndo, o prior se chegou ao velho chancellor, e lhe disse em voz baixa:

Doctor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente á rainha o que succedeu, e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a régua magistral a mestre Ouguet...

“Foi — tornou o politico discipulo de Bartholo — mais uma façanha de D. João 1.^o: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lagryma. Bem trabalho por fazer do mestre de Aviz um rei; mas sae-me sempre cavalleiro andante. Não lhe succedêra isto se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tenho-lhe dicto mil vezes que é preciso lisongear os inglezes porque careemos delles: a tudo me responde com dizer que com Deus, e o proprio montante, tem em nada Castella: todavia a gente ingleza ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação; e que importava que ella fosse mais ou menos primorosa, a troco de contentarmos os que conosco estão liados? — Quanto a vós reverendo prior, ficae descaçado, tudo fia á rainha de vossa prudencia, que é muita, posto que não vistes Bolonha. — Vamos, reverendissimo.”

A côrte já tinha saído: e os dois velhos a seguiram ao longo daquellas arcadas, conversando um com o outro. (Concluir-se-ha).

(*) Os cavalleiros que tinham moradia ou tença do rei, dizia-se que *vingavam tantos soldados*; acostamento é o mesmo que moradia.

ALDEAS DA AUSTRIA.

Os lavradores austriacos, geralmente fallando, são boa gente, alegres e generosos, sinceros, e probos, posto que tenham fraqueado já nelles estas duas virtudes, desde as quebras dos pagamentos do thesouro, e os exemplos da pouca fé que o imperador com a sua policia secreta lhes tem dado; são mais ricos que os lavradores da Bohemia e da Polonia, porque realmente são emphyteutas, tendo resgatado das mãos dos nobres os direitos de annedua e outras alcavalas, com approvação do governo, e mediante certa somma. Nada ha igual á hospitalidade que exercitam, e ninguem ha que não recebam bem, e até moam com cumprimentos. Passam os allemães por nunca serem fartos de beberrias, e com effeito encontram-se por toda a Austria bastas garrafas despejadas. Não é grande raridade ver um camponio austriaco, comendo o seu bocado de presunto com rabãos, ajuda-los com um, e até dois frascos, que levem oito garrafas de vinho, sem se embebedarem, o que se explica pelo habito de beberem bem, e pela qualidade do vinho que é mui palhete, e quasi como o vinho do Rheno, posto que mais verde. Para não perderem o tino, os bebedores começam as libações pelos vinhos mais ordinarios, e vão progressivamente até chegarem aos mais finos. Grande numero de lavradores teem nas adegas oitocentos ou mil cascos cheios com as lavras de 1812 e 1824; e queixam-se amargamente de que os francezes, no tempo da invasão, lhes dessem cabo das de 1788 e de 1794. O que satisfaz o seu orgulho é mostrar as riquezas que teem nas adegas; e por isso facil é de imaginar o vinho que gastarão nas suas festividades, a principal das quaes é a do orago da aldea.

Nada se póde comparar com a alegria e desafogo dos aldeões nesta festa que se celebra no archiducado d'Austria. Esta faz-se dois domingos a fio em cada aldea, uma vez cada anno, e nos arranjos della gasta-se toda a somma antecedente, no que trabalha toda a mocidade da povoação. Escolhem a maior arvore da matta visinha, limpam-na da casca, e cortam-lhe os troncos, e no alto põe-lhe uma coroa de pinho, da qual penduram emblemas de vida pastoril, entresachados de maçãs, garrafas de vinho, fitas, e grilhadas de todas as cores. Esta arvore crava-se a prumo no centro de uma barraca, ou antes de uma ramada cuberta de folhagem, e de ramilhetes variegados. Cada lavrador convida os seus amigos das aldeas circumvisinhas e depois da missa cantada, da-se ali um jantar de vinte guisados, pelo menos; ás tres horas da tarde, os mancebos apparecem com os seus trajos domingueiros e vão em bando pelas granjas buscar as raparigas para as conduzirem á barraca ou ramada, que então se converte em salla de dança: a orchestra compõe-se de dez ou quinze bons musicos, que andam ordinariamente nestas festividades. — (*L'Autriche telle qu'elle est*).

Uma viagem á Serra da Lousã no mez de Julho de 1838 — Por A. P. Forjaz de Sampaio — Coimbra 1838 — 1 folh. em fol.

Na introdução a esta viagem diz o auctor:

“O commum dos portuguezes é tão apaixonado pelas cousas estranhas, e tão pouco pelas suas; tão activo em inquirir as bondades e formosuras dos outros paizes, e tão indolente em vêr e examinar o que tem ao pé da porta, que é bem raro entre nós não se experimentar grande estranheza ao vêr algum dos muitos e preciosos monumentos da fecundidade da natu-

resa, ou do artificio do homem, em que abunda Portugal, como se foram plantas exóticas, de outras regiões, em cujo seio se crê só existir. É profunda a raiz do mal. Occupados na leitura dos livros estrangeiros, despresamos quasi inteiramente a dos nossos escriptores, que muitas vezes descrevem logares e successos, como se foram, não só historiadores, mas pintores. Accresce a ruindade das estradas, sobre falta de segurança, e de commodas pousadas. Nem lemos, nem vêmos o antigo; e como que tapamos os olhos, e desviamos o passo para não observar o que é nosso.”

Pelo que nos respeita pessoalmente, cuidámos com desvelo em arrancar de nós este cancro nacional; cruzar o terreno em todas as direcções; largar as estradas reaes, e trepar pelo carreiro ingreme e tortuoso do pastor: subir dos valles aos cumes mais erguidos das montanhas; examinar e estudar os monumentos que topamos.”

Destas palavras com que o auctor nos instrue da natureza do seu trabalho, se colhe quão nacional é o pensamento gerador desta composição, pensamento que já se revela na primeira parte da Viagem ao Busaco, a qual esperamos vêr continuada brevemente. Se as nossas rogativas tivessem alguma valia para com o auctor deste opusculo, pedir-lhe-íamos que não levantasse mão de tão proveitoso genero de escriptura, que servirá para fazer com que os portuguezes conhecendo melhor sua terra, a estimem como ella merece, se desacostumem da mesquinha e desnatural mania de preferir e louvar exclusivamente o que é estranho, só porque o é, e se persuadam de que a gente portugueza é capaz de todas as bondades e primores, e de que este solo extremo do occidente não foi excluído da herança de formosura, e riquezas naturaes que Deus repartiu por toda a redondeza do mundo.

Nenhum proveito do exemplo dos supplicios. — Um ecclesiastico inglez, o venerando Roberto de Binstot, tendo visitado nas prisões um grande numero de sentenceados, perguntando-lhes sempre se não tinham presenciado nunca execuções de pena ultima, achou, entre 167, a quem fez esta pergunta, 164 que tinham assistido a esse terrível castigo que os legisladores instituíram para servir de exemplo aos malvados.

 *A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis previne aos S.^{tes} Assignantes e Accionistas, cujas assignaturas findam em Abril com o N.º 104, de que lhes continuará a remessa do Jornal em nova assignatura, por 8 mezes até Dezembro corrente, para a equalar com o anno civil; preço 350 réis. Roga-se porem áquelles S.^{tes}, que não quizerem continuar, que assim o façam constar em tempo a esta Direcção.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.